



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/10/2015 a 05/11/2015

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUI e aluna do Tecnólogo em Processos Gerenciais - UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
30/10/2015	8,83	304,40	28,20	5,22	3,82
02/11/2015	8,77	301,30	27,85	5,08	3,80
03/11/2015	8,78	302,20	28,15	5,16	3,76
04/11/2015	8,82	301,80	28,50	5,26	3,80
05/11/2015	8,67	296,40	27,83	5,26	3,74
Média	8,77	301,22	28,11	5,20	3,78

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	82,63	-2,16
RS - Santa Rosa	82,13	-2,06
RS - Ijuí	82,13	-2,06
PR - Cascavel	79,25	0,25
MT - Rondonópolis	74,38	-1,29
MS - Ponta Porá	75,75	-1,88
GO - Rio Verde (CIF)	77,00	0,00
BA - Barreiras (CIF)	74,50	-1,59
MILHO		
Argentina (FOB)**	165,75	1,19
Paraguai (FOB)**	107,50	0,00
Paraguai (CIF)**	135,38	2,56
RS - Erechim	35,81	2,61
SC - Chapecó	33,75	1,66
PR - Cascavel	30,19	1,64
PR - Maringá	30,50	1,67
MT - Rondonópolis	23,50	0,00
MS - Dourados	26,44	1,49
SP - Mogiana	32,44	4,30
SP - Campinas (CIF)	35,69	3,80
GO - Goiânia	28,00	1,08
MG - Uberlândia	31,31	1,33
TRIGO		
RS - Carazinho	710,00	1,14
RS - Santa Rosa	710,00	1,14
PR - Maringá	777,50	1,63
PR - Cascavel	740,00	0,00

*Período entre 30/10/2015 a 05/11/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 05/11/2015**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	27,85	75,81	33,21

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
05/11/2015**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	39,48
Feijão (saco 60 Kg)	112,78
Sorgo (saco 60 Kg)	22,07
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,07
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,86
Boi gordo (Kg vivo)*	4,88

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja oscilaram bastante durante os primeiros dias de novembro, chegando mesmo a atingir os menores valores em um mês. O fechamento da quinta-feira (05) foi ainda mais baixo, ficando em US\$ 8,67/bushel para o primeiro mês cotado e US\$ 8,71 para maio. Com exceção de alguns dias em setembro, estas são as mais baixas cotações em muitos anos. Vale destacar que a média de outubro ficou em US\$ 8,92/bushel, contra US\$ 8,81 em setembro.

O mercado encontra na boa demanda pela soja dos EUA o único fator altista neste momento, afora as questões financeiras e especulativas, as quais são muito variáveis. Todavia, existiria uma expectativa de redução nas vendas de soja estadunidense para os próximos meses. Afora isso, o clima favorável na América do Sul, com o retorno das chuvas nas regiões mais secas do Centro-Oeste brasileiro, Sudeste e Nordeste, acelerou o plantio no Brasil. Por enquanto, projeta-se uma safra recorde no Brasil, com algo em torno de 100,5 milhões de toneladas.

Pelo lado das vendas externas estadunidenses, o USDA informou que as inspeções de exportação de soja na semana anterior ficaram em 2,56 milhões de toneladas, após 2,67 milhões na semana anterior. Ou seja, volumes importantes!

Entretanto, o número de colheita (92% da mesma realizada até o dia 1º de novembro) dá conta de que a mesma está garantida e deverá ser um novo recorde histórico nos EUA. A empresa privada Informa Economics elevou sua projeção para uma safra final de 107,6 milhões de toneladas. Há um sentimento de que o USDA, em seu relatório do dia 10/11, irá igualmente aumentar sua estimativa para a atual safra de soja estadunidense, fato que impactará também nos estoques finais.

Desta forma, colheita recorde nos EUA somada a clima propício para o plantio na América do Sul, com tendência de novo recorde de produção regional (175,5 milhões de toneladas para esta nova safra), pesam muito mais sobre o mercado do que os fatores altistas existentes. Pelo menos até o momento! Vale salientar que se espera um aumento na taxa básica de juros nos EUA, para dezembro. Se isso vier a ocorrer, poderá haver um retorno de dólares mais expressivo ao país, podendo valorizar a moeda junto às demais moedas mundiais, levando a uma redução da competitividade da soja estadunidense.

Pelo lado da demanda, a China espera importar 78 milhões de toneladas de soja em 2015/16. Embora seja uma elevação de 11% sobre dois anos atrás, o volume é um milhão de toneladas a menos do que o estimado até o momento. Hoje a China representa cerca de 62% das importações mundiais de soja, contra 10% em 1998/99. Por sua vez, as importações chinesas de soja, no quarto trimestre do corrente ano, deverão ficar em 22 milhões de toneladas, com aumento de 18% sobre o mesmo período do ano anterior. Mas as compras oriundas dos EUA deverão ser menores do que as 24,5 milhões de toneladas registradas no terceiro trimestre do corrente ano. Enfim, os chineses voltaram a investigar o uso da soja transgênica pelas suas indústrias de alimentos, fato que freou parcialmente as compras da oleaginosa. (cf. Safra & Mercado)

Aqui no Brasil, os preços recuaram um pouco, puxados igualmente por um câmbio que, em alguns momentos da semana, voltou ao patamar dos R\$ 3,77 por dólar. Com isso, o balcão gaúcho fechou na média de R\$ 75,81/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 80,50 e R\$ 81,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 68,00/saco em Sorriso e Sapezal (MT) e R\$ 79,00/saco em Pato Branco (PR).

O mercado nacional se ocupa agora do novo plantio. O mesmo avançou graças ao retorno das chuvas nas regiões mais centrais do Brasil. A partir de agora o clima sul-americano assume importância crescente na definição dos preços mundiais da oleaginosa. Ainda sob pressão da falta de chuvas em regiões importantes do país, o plantio até o dia 26/10, no Brasil, estava em 20% da área esperada, contra 30% na média histórica. No Mato Grosso, o mesmo era de 20% contra 52% na média para a mesma data. No Paraná, onde as chuvas são normais e até mesmo acima da média, o plantio chegava a 57% da área contra 47% na média histórica. No Rio Grande do Sul o mesmo está apenas iniciando, sendo prejudicado pelo excesso de chuvas até o momento. (cf. AgRural)

Os preços futuros da soja no Brasil acompanharam a tendência de recuo na semana, fechando a mesma da seguinte forma: R\$ 74,50/saco no interior gaúcho para maio; R\$ 80,00/saco CIF em Rio Grande (RS), também para maio; R\$ 77,50/saco CIF em Paranaguá (PR) para março/abril; R\$ 68,00/saco em Rondonópolis (MT), Dourados (MS), Rio Verde (GO) e Brasília (DF) para fevereiro/abril dependendo da região; R\$ 68,50/saco CIF para Uberlândia (MG) em maio; em Barreiras (BA), Balsas (MA), Uruçuí (PI) e Pedro Afonso (TO), todos para maio, os preços respectivos foram de R\$ 70,00; R\$ 71,00; R\$ 72,00 e R\$ 70,00/saco. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 15/10 a 05/11/2015.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 15/10 e 05/11/2015 (CBOT)

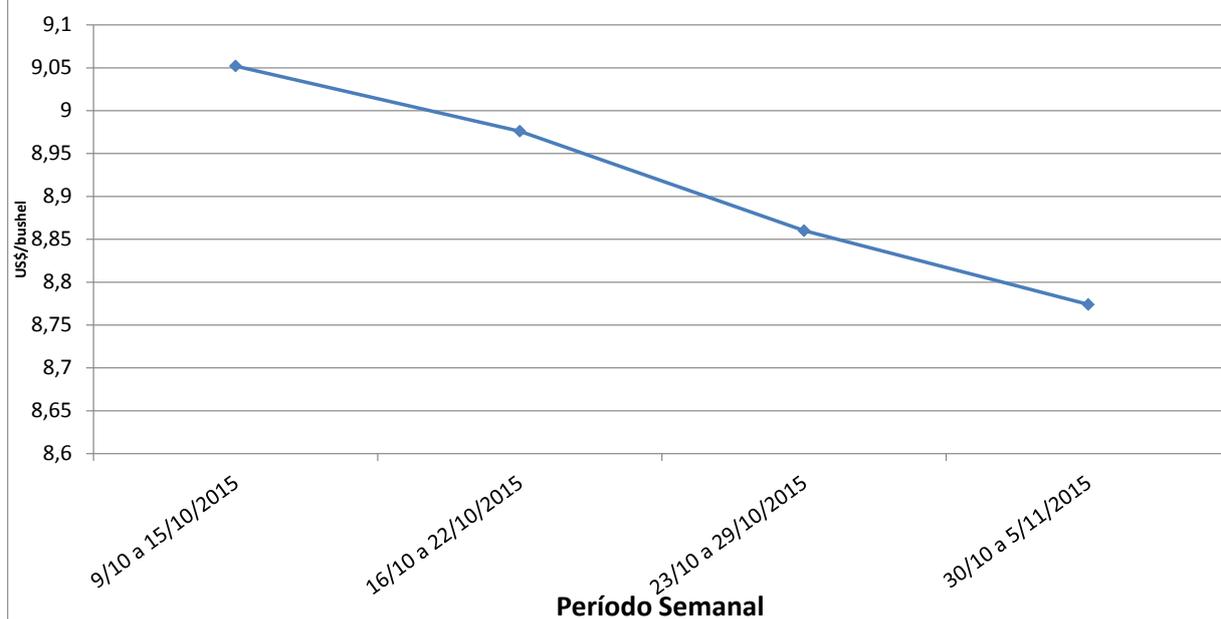
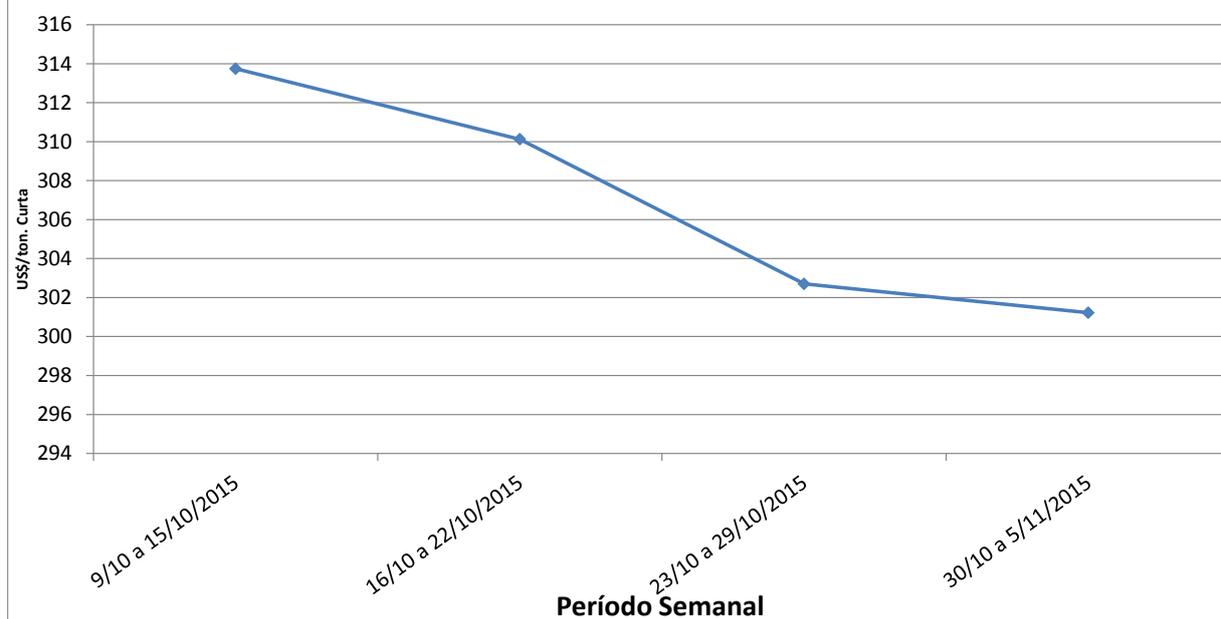
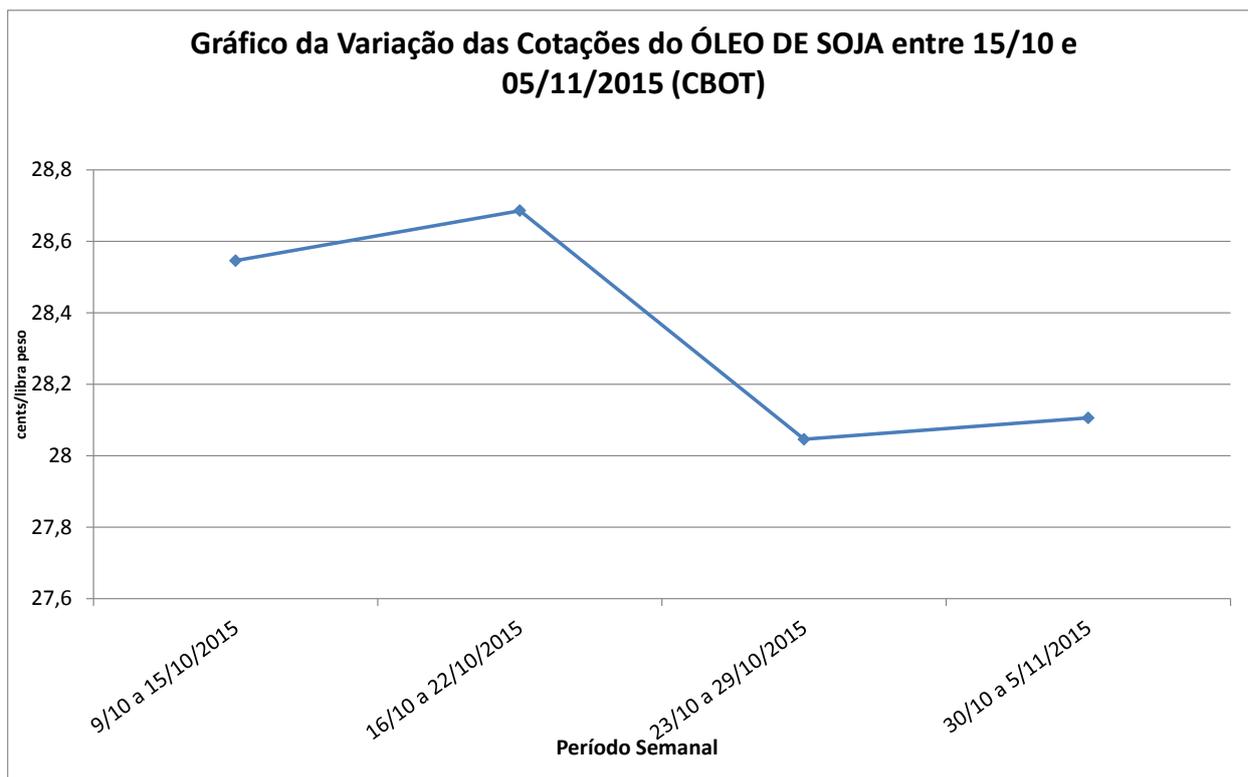


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 15/10 e 05/11/2015 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago se mantiveram estáveis nestes primeiros dias de novembro em comparação ao final de outubro. O fechamento desta quinta-feira (05/11) ficou em US\$ 3,74/bushel, enquanto a média de outubro alcançou a US\$ 3,83, contra US\$ 3,74/bushel em setembro.

As exportações nos EUA não decolam, tendo atingido 708.800 toneladas na semana anterior. Enquanto o Brasil estiver agressivo nas exportações do cereal a tendência continua difícil para o milho estadunidense.

O fator altista veio do trigo na medida em que quebras de produção em algumas regiões do mundo elevaram a cotação deste cereal, puxando o milho.

Em contrapartida, o retorno das chuvas no Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste brasileiro aliviou a tensão quanto aos futuros problemas sobre a nova safra de verão local. Na Argentina, as eleições presidenciais, em segundo turno, freiam em parte os negócios.

Todavia, de forma geral, os EUA deverão colher uma safra de milho um pouco maior do que o até agora anunciado (expectativa para o relatório do USDA do dia 10/11). Além disso, a colheita avança bem, tendo chegado a 85% da área até o dia 1º de novembro. Nesse contexto, os preços em Chicago só melhoram com a retomada das exportações por parte dos EUA. Para isso, somente quando o Brasil e a Argentina reduzirem seus ritmos de exportação.

Além disso, não ajuda o fato de que há possibilidades de aumento do juro básico nos EUA em dezembro. Isso fortalecerá o dólar e retira competitividade dos produtos estadunidenses no mercado externo, dentre eles a soja, o milho e o trigo.

A tonelada FOB para exportação na Argentina e no Paraguai se manteve estável, com preços em US\$ 167,00 e US\$ 107,50 respectivamente.

No Brasil, com a forte exportação que se consolida no momento, na esteira de um Real fortemente desvalorizado, embora na semana tenha havido um recuo do dólar no país, os preços locais se mantêm firmes. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 27,85/saco, enquanto os lotes já atingem R\$ 36,00/saco em praças do norte e planalto do Estado. Nas demais praças nacionais, os lotes fecharam a semana entre R\$ 19,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 34,50/saco em Videira e Campos Novos (SC).

Na BM&F os meses futuros de janeiro e março estão mais firmes, refletindo os fortes embarques atuais, fato que eleva a preocupação de uma possível redução de oferta nos primeiros meses de 2016, especialmente se houver problemas climáticos na safra de verão. Os estoques regionais começam a ficar reduzidos, pois o milho está sendo direcionado para a exportação, graças ao câmbio e a forte demanda externa. O que acalmou um pouco o cenário foi o retorno das chuvas nas regiões de produção do centro e sudeste do país, permitindo esperar uma normalização do plantio da futura safra de verão.

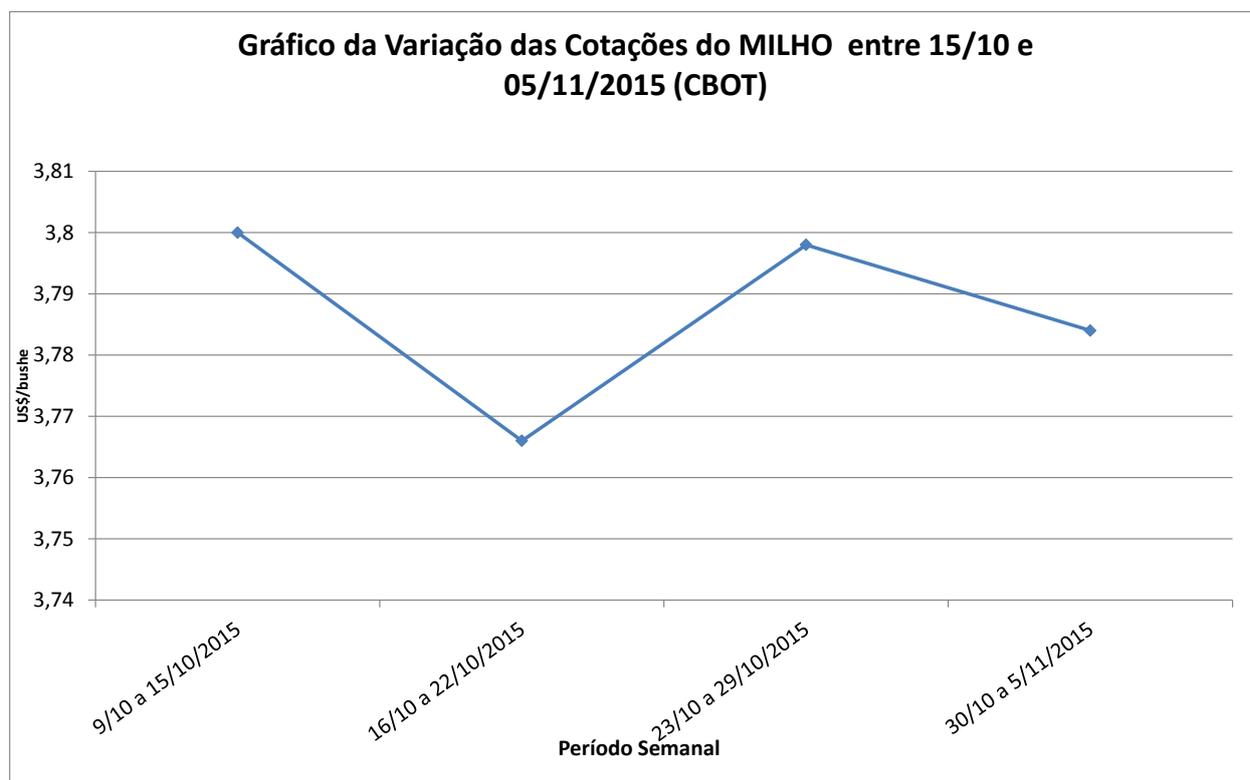
Em termos de exportação, o mês de novembro estaria com 6,6 milhões de toneladas de embarques programados, volume enorme e que confirma certo desabastecimento nas regiões de consumo do interior do país. Essa seria a explicação principal da disparada de preços no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, tradicionais importadores nacionais de milho.

Em outubro as exportações fecharam em 5,5 milhões de toneladas, se constituindo em novo recorde mensal. No ano comercial atual o volume total já acumula 14,7 milhões de toneladas exportadas, segundo a Secex, enquanto os dados reais de embarque estariam em 18,8 milhões de toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Nessas condições, os preços internos do milho, mesmo com uma boa colheita na safra de verão, poderão se manter elevados durante o primeiro semestre de 2016 e particularmente entre janeiro e março. O clima, nesse contexto, jogará um papel ainda mais decisivo para o futuro dos preços deste cereal.

Enfim, a semana terminou com a importação, no CIF indústrias brasileiras, valendo, para novembro, R\$ 52,40/saco para o produto dos EUA e R\$ 47,96/saco para o produto da Argentina. Ao mesmo tempo, para dezembro, o produto argentino ficou em R\$ 50,44/saco. Já na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes preços: R\$ 36,27/saco para novembro; R\$ 36,12 para dezembro; R\$ 36,25 para janeiro; R\$ 36,57 para fevereiro; R\$ 36,41 para março; R\$ 37,27/saco para abril. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 15/10 a 05/11/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, após um recuo para a tomada de lucros, voltaram a subir forte no final desta primeira semana de novembro. O fechamento desta quinta-feira (05) ficou em US\$ 5,26/bushel, repetindo o valor da véspera. A média de outubro alcançou US\$ 5,07, contra US\$ 4,86/bushel em setembro.

O bom desempenho das exportações líquidas dos EUA, associado ao atraso no atual plantio, deram suporte aos preços. No primeiro caso, na semana encerrada em 22/10, o volume exportado ficou em 550.300 toneladas, ficando 86% acima da média das quatro semanas anteriores. O maior comprador foi a Coreia do Sul com 96.500 toneladas. No segundo caso, o plantio do trigo de inverno atingia a 88% até o dia 1º de novembro, contra 90% na média histórica. Nota-se que o atraso não é significativo, porém, há problemas climáticos nas Planícies produtoras do sul dos EUA. Até o momento, 72% das lavouras cultivadas haviam emergido.

Somou-se a isso, preocupações quanto ao clima ruim em algumas regiões produtoras do mundo, caso da Ucrânia e Rússia.

No Mercosul, a tonelada para exportação se manteve entre US\$ 180,00 e US\$ 230,00.

No mercado brasileiro, os preços continuam se fortalecendo para o produto de qualidade superior. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 33,21/saco, enquanto os lotes se mantiveram em R\$ 700,00/tonelada ou R\$ 42,00/saco. No Paraná os lotes ficaram entre R\$ 730,00 e R\$ 780,00/tonelada, ou seja, entre R\$ 43,80/saco e R\$ 46,80/saco.

Na prática, o mercado está no aguardo do resultado final da safra brasileira, que será bem menor do que o esperado. Tudo indica que o volume será entre 5,0 e 5,5 milhões de toneladas, pelas atuais estimativas extra-oficiais, sendo que boa parte deste volume será de trigo de qualidade inferior. Tanto é verdade que a colheita mais recente no Rio Grande do Sul tem resultado em um trigo com PH de apenas 68. Assim, grande parte do produto gaúcho deverá ser direcionado para exportação junto a países da África e Ásia.

A tendência geral é de que os preços, para o produto de qualidade superior, continuem subindo, especialmente porque houve quebras igualmente nos países do Mercosul. Isso deverá levar o Brasil a importar 1,5 milhão de toneladas de produto de fora do bloco sul-americano. (cf. Safras & Mercado)

Vale destacar que a elevação em Chicago, combinada a um Real muito desvalorizado nestes últimos meses, torna cara as importações, o que ajudará a manter os preços nacionais mais elevados caso essa realidade permaneça.

Com o excesso de chuvas no sul do país, a colheita atrasou consideravelmente, tendo o Paraná chegado a 85% do total e o Rio Grande do Sul ao redor de 45%, no início de novembro. Muitos produtores gaúchos, inclusive, teriam colhido o produto sem as condições de umidade adequadas, o que compromete ainda mais a qualidade do cereal. Além disso, novas chuvas para a região sul do país estão previstas a partir deste segundo final de semana de novembro.

Na Argentina, a colheita está em 4% da área esperada. Por sua vez, os preços no Paraná só não subiram mais porque o trigo do Paraguai está entrando pelo oeste daquele Estado, segurando parcialmente a cotação do cereal.

No geral, portanto, o cenário continua sendo de preços mais firmes para o trigo de qualidade superior, já que não se espera mais nenhuma novidade positiva da atual safra brasileira do cereal. Pelo contrário, o quadro de oferta e qualidade poderá piorar na medida em que evolui a colheita no Rio Grande do Sul, abaixo de constantes intempéries.

O limite dos preços será o valor que os importadores conseguirão obter no exterior, a partir do comportamento de Chicago e do câmbio no Brasil nos próximos meses.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 15/10 a 05/11/2015.

Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 15/10 e 05/11/2015 (CBOT)

